

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO • PESQUISA
EXTENSÃO • GESTÃO

RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Autor(es): TELMA BORGES DA SILVA, LÍLIAN KARLA ROCHA

UMA ANÁLISE DO ETHOS DISCURSIVO DO NARRADOR E SUA RELAÇÃO COM O AUTOR MODELO NA NOVELA “CAMPO GERAL”, DE GUIMARÃES ROSA

Introdução

Este trabalho tem por objetivo analisar a novela “Campo Geral”, de João Guimarães Rosa, a partir da noção de ethos discursivo e de autor-modelo, explicitando a relação de empatia do narrador com a personagem Miguilim através do engendramento de suas vozes.

Material e métodos

O *corpus* da pesquisa é a novela “Campo geral”, uma das novelas de *Corpo de baile*, de João Guimarães Rosa. Nossa investigação é de cunho bibliográfico e está embasada nas reflexões teóricas sobre o ethos discursivo e sobre o autor-modelo. Para tanto, apoiamos-nos nos artigos “A propósito do ethos”, de Dominique Maingueneau; “Éthos: um percurso da retórica à análise do discurso”, de Priscila Peixinho Fiorindo. A respeito do autor-modelo, buscamos apoio em *Os limites da interpelação*, de Umberto Eco. Como referencial crítico, dialogamos com o texto “Miguilim: suas histórias e sua história”, de Josmari Correia Dias Felício.

Resultados e discussão

Conforme Umberto Eco (1994), o autor-modelo é uma entidade que é criada por nós, leitores-modelos, a fim de nos guiar ao longo da narrativa, de forma que a estratégia narrativa seja alcançada, ou como diz Eco, o fim do “bosque” seja alcançado. Concomitantemente, Eco diz que

[o] autor-modelo é uma voz que nos fala afetuosamente (ou imperiosamente, ou dissimuladamente) que nos quer ao seu lado. Essa voz se manifesta como uma estratégia narrativa, um conjunto de instruções que são dadas passo a passo e que devemos seguir quando agimos como leitor-modelo. (ECO, 1994, p. 21)

O autor-modelo criado em *Campo geral* nos guia à ideia de que a voz do narrador, por vezes, não só coincide com a voz de Miguilim, mas também com a do autor-modelo e a do próprio autor, se levarmos em conta suas declarações a respeito da narrativa de Miguilim. Temos, portanto, um conjunto e vozes que, em uníssono, demonstram sua empatia com o menino do Mutum. Sendo mais precisa, do ponto de vista do enunciado, o narrador e o autor-modelo, são a personagem fabulando sua própria história. Já do ponto de vista da enunciação, o autor faz convergir as vozes do narrador e da personagem, permitindo também que, do ponto de vista teórico, as noções de ethos discursivo e de autor-modelo se aproximem.

A noção de ethos tem seu surgimento na retórica de Aristóteles, na Grécia Antiga. De acordo Priscila Peixinho Fiorindo (2012), o orador, no ato da enunciação, cria uma imagem com o intuito de convencer seus ouvintes, não correspondendo à sua identidade verdadeira. Desta maneira, o pensamento grego serve como embasamento para o desenvolvimento da noção de ethos, na Análise do Discurso.

Para o estabelecimento da noção de ethos discursivo, Dominique Maingueneau (2005) afirma que o locutor, nesse caso o narrador, ativa em seus destinatários uma certa representação de si mesmo. Portanto, ele não age em primeiro plano, mas sim de maneira lateral, que nos incita a uma experimentação sensível do discurso, instigando a afetividade do destinatário. (MAINGUENEAU, 2005). Em paralelo, Fiorindo diz que “o ethos liga-se ao orador pelas escolhas linguísticas feitas por ele, escolhas que revelam pistas acerca da imagem do próprio orador, durante o processo discursivo.” (FIORINDO, 2012, p. 5). A vista disso, é possível estabelecer a relação entre narrador e autor-modelo, pois através do ethos discursivo, o narrador vai deixando pistas durante a narrativa sobre as “características” do autor-

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X



modelo. Portanto, ainda é preciso salientar que, de acordo com Maingueneau “o ethos está ligado à própria enunciação, e não a um saber extra- discursivo sobre o locutor.” (MAINGUENEAU, 2005, p.12)

O papel do narrador passa a ser de relevante importância para o desenvolvimento da noção do ethos discursivo e para a de autor-modelo. Luís Alberto Brandão Santos e Silvana Pessoa de Oliveira afirmam que “o narrador é uma criação do autor” e que “a voz do narrador é a ficção de uma voz” (SANTOS; OLIVEIRA, 2001, p. 3).

Walter Benjamin, em *O Narrador – Considerações sobre a Obra de Nikolai Leskov*”, diz que não há mais narradores que saibam dar conselhos ou que tenham ensinamentos. Benjamin parte da concepção de que não existem dois perfis base que constituem os narradores tradicionais: 1) camponês sedentário, que se fixava em sua região, mas possuía ajudantes que já haviam viajado e obtinham conhecimentos variados, e o marinheiro viajante, que saiu para o mundo absorvendo todas as histórias. Outro fator apresentado por Benjamin é o das experiências que passam de pessoa para pessoa, as quais formam a fonte que os narradores recorrem onde encontram histórias que não se distanciam da oralidade. Dessa forma, o narrador de *Campo Geral* é aquele que busca na tradição oral dos moradores do Sertão sua fonte de inspiração e também através dos relatos de histórias, a narrativa é construída.

Portanto, sendo o narrador uma criação e a ficcionalização de uma voz, pode-se afirmar que o narrador de *Campo Geral* é uma ficcionalização do autor João Guimarães Rosa, evidenciada pelo autor-modelo que se expressa nas marcas textuais do enunciado. O narrador de *Campo geral* é um narrador em 3º pessoa, que também é chamado de onisciente por sua visão onisciente dos fatos, além de conhecer as emoções e os pensamentos das personagens.

Ao longo de *Campo geral*, são visíveis as inúmeras dificuldades pelas quais a personagem principal, Miguilim, passa. Dentre elas estão os maus-tratos e a rejeição do pai, as diversas doenças que o menino contrai, a vida dura no Sertão, a morte do irmão querido e a dificuldade de entender o mundo à sua volta, mas que eram superadas pela arte de contar histórias.

O que se discute nessas aproximações é a empatia do narrador pelo menino Miguilim, pois ao longo da narrativa ele mostra-se entendedor da vida, dos anseios e dos sentimentos da personagem. O narrador acompanha o menino de perto e dele se aproxima de forma afetiva. Dessa aproximação entre narrador e personagem, resultam algumas questões teóricas, uma das quais podemos assim formular: que relações são estabelecidas entre o ethos discursivo do narrador e o autor-modelo na narrativa em apreço?

De acordo com Heine, “o ethos se refere a textos orais e escritos, em que enunciadores fornecem uma imagem de si através do discurso”. (HEINE, *apud* FIORINDO (2012, p. 4). Para Maingueneau, “o ethos responde a questões empíricas efetivas, que têm como particularidades serem mais ou menos co-extensivas ao nosso próprio ser.” (MAINGUENEAU, 2005, p. 12). Essa co-extensão de si mesmo pode ser pensada como fazendo parte de “Campo geral”, pois em diferentes situações o autor, nesse caso o empírico, menciona a proximidade entre sua biografia e a vida do menino Miguilim. Em uma entrevista a Günter Lorenz, Rosa diz que “os homens do Sertão são fabulistas por natureza. Está no nosso sangue narrar histórias: já no berço recebemos esse dom para toda a vida.” (LORENZ, *apud* LIMA, 2015, p. 34). Dessa forma, Rosa se assemelha ao narrador descrito por Walter Benjamin, no sentido de que retiraram da tradição oral a história que narra, formatando-a no processo de escrita. Sendo assim, o autor empírico e modelo extrai da oralidade sua própria história. Podemos, a partir de então, afirmar que Rosa cria um autor modelo que, por sua vez, engendra um ethos discursivo que é co-extensão do autor empírico e do autor modelo. Benjamin afirma que contar histórias sempre foi a arte de contá-las de novo, expressão que se aproxima do processo criativo de Rosa em “Campo geral”, tendo em vista a criação de um autor modelo que reconta a história/estória do autor empírico.

Sendo assim, quando o narrador estabelece seu ethos discursivo, ele faz da voz do menino uma “co-extensão” de si mesmo, refletindo na voz da criança seus sentimentos e desejos. Mas estamos tratando da co-extensão em relação ao autor-modelo, uma vez que não podemos afirmar se tratar de Rosa, mas de uma ficcionalização de si, que é percebida através das marcas textuais.

Logo, a partir da enunciação, é projetado um autorretrato no qual o autor-modelo imprime características de si, formando uma representação de sua autoimagem. Fiorindo enfatiza que “a construção da imagem de si é um mostrar e tal imagem só é revelada através de processos inferenciais resgatados pela enunciação e pelo contexto” (FIORINDO, 2012, p. 1). Portanto, no jogo da enunciação, a formação do ethos se estabelece no entrecruzamento da voz do narrador com a voz da criança.

Na narrativa, podemos constatar essa junção de vozes a partir do seguinte trecho: “A nossa casa? E que o demônio diligenciava de entrar em mulher, virava cadela de satanaz” (ROSA, 2011, p. 32). Aqui o narrador faz uso do pronome possessivo “nossa”, afirmando que a casa também lhe pertencia. O narrador se colocando dentro da casa, perto de Miguilim, reforça a empatia que sente pelo garoto, pois quando a realidade é sentida de perto, é perceptível que o apoio à criança fica mais efetivo. Ao se aproximar, o narrador deixa de sentir o que Miguilim sente e passa a ser o próprio Miguilim, unindo sua voz à dele. Desse mesmo modo, Felício afirma que

10^o

FEPEG FÓRUM

ENSINO · PESQUISA
EXTENSÃO · GESTÃO
RESPONSABILIDADE SOCIAL: INDISSOCIABILIDADE
ENSINO, PESQUISA E EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA



ISSN 1806-549 X

Realização



Apoio



[o] narrador, portanto, como um criador de disfarces, mascara a voz da narrativa, adotando a perspectiva da criança fazendo com que “Campo Geral” se assemelhe a uma narrativa de primeira pessoa. Dessa forma, se Miguilim deixa de contar histórias externamente, isto é, aos narratários interiores, a história de “Campo Geral” é a sua história, com a sua perspectiva, sua forma de resistência. (FELÍCIO, 1995, p. 110).

O ethos discursivo mostra-se como um jogo que vende e mostra aparências, tendências ideológicas que, segundo Fiorindo, é necessário um corpo físico ou imaginário, como é o caso do narrador em questão, o qual obedece as ordens enunciativas.

Outra passagem do relato que explicita o ethos do narrador, é quando ele demonstra também ter empatia em relação ao sofrimento da mãe de Miguilim: “Mãe abaixava a cabeça, ela era tão bonita, nada não respondia. (ROSA, p. 31). Aqui o narrador mostra o mesmo sentimento que Miguilim sente pela mãe: pena e também admira sua beleza. Durante a narrativa, tanto narrador quanto o personagem compartilham do sentimento amoroso pela “mãe”.

Em outro trecho, o narrador sente o mesmo medo que todos da casa: “Quando foi o trovão! Trovejou enorme, uma porção de vezes, a gente tapava os ouvidos, fechava os olhos.” (ROSA, p. 27). Aqui, deixa claro que todos os sentimentos que estão sendo compartilhados são sentidos pelo narrador, pois sempre que Miguilim se encontra em uma situação difícil, o narrador aparece e engloba a sua voz à do menino, estabelecendo, portanto, seu ethos discursivo e evidenciando a presença de um autor- modelo que, através da co- extensão de si, performatiza-se como a criança.

Conclusão/Conclusões/Considerações finais

A respeito da relação com o autor-modelo, temos que primeiramente entender que ele é uma entidade que está dentro da obra, que prepara o texto para o leitor-modelo percorrer. O autor-modelo se parece com o “eu lírico”; é aquele que nós, como leitores, imaginamos a partir das informações que estão contidas no texto. Segundo Eco, “o autor-modelo atua e se revela até no mais pífio dos romances pornográficos para nos dizer que as descrições apresentadas devem constituir um estímulo para a nossa imaginação e para nossas reações físicas”. (ECO, 1994, p. 23)

Contudo, o autor-modelo citado por Eco, dentro de Campo Geral, nos incita através do ethos discursivo do narrador, a reconhecer como ele se aproxima da personagem e como o autor-modelo se estabelece como uma entidade, se manifestando dentro do jogo que é a narrativa.

Agradecimentos

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais, à Unimontes, pelo apoio, e à orientadora Telma Borges da Silva, coordenadora do grupo de pesquisa NONADA.

Referências bibliográficas

- BENJAMIN, Walter. **Obras Escolhidas, Magia e Técnica, Arte e Política**. Editora Brasiliense.
- ECO, Umberto. **Os seis passeios pelos bosques da ficção**. Tradução Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- FELÍCIO, Josmaria Correia Dias. **Miguilim: Suas histórias e sua estória**. Itinerários, Araraquara, nº 8, 1995.
- FIORINDO, Priscila Peixinho. **Ethos: Um Percorso da retórica à Análise do Discurso**. Revista Pandora Brasil, Nº 47. Outubro de 2012. ISSN: 2175-3318.
- LIMA, Denise Noronha. **Guimarães Rosa: A Poética de Miguilim e Grivo** Revista Entrelaces – Ano IV- Nº 05- maio de 2015- ISSN: 1980- 4571.
- MAINGUENEAU, Dominique. **A propósito do ethos**. São Paulo: Contexto, 2015.
- ROSA, João Guimarães. **Corpo de Baile**. Ed. Comemorativa. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2006.
- SANTOS, Luís Alberto Brandão; OLIVEIRA, Silvana Pessôa de. **Sujeito, tempo e espaço ficcionais: Introdução à teoria da literatura**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.